

“MEDOS NÓS TEM, MAS NÃO USA”: RELATO SOBRE A PARTICIPAÇÃO NA 7º MARCHA DAS MARGARIDAS 2023

GABRIELA MARQUES DE LARA¹; DENISE MARCOS BUSSOLETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas – gabriela.marques.de.lara@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – denisebussolletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho em questão relata a experiência do projeto Margaridas do Campo na participação da 7º Marcha das Margaridas ocorrida nos dias 15 e 16 de agosto de 2023 em Brasília. O projeto faz parte do Programa de Educação Tutorial – PET, da Universidade Federal de Pelotas – UFPel, de nome PET Fronteiras: Saberes e Práticas Populares, que abarca o ensino, pesquisa e a extensão. Por meio da extensão, o programa acaba possibilitando o acesso a outros espaços formativos, para além dos muros universitário, contribuindo na formação da práxis e auxiliando no processo formativo dos sujeitos e suas subjetividades.

O projeto de extensão Margaridas do campo busca, em conjunto com as mulheres, difundir a experiência artística e cultural nas comunidades rurais de Pelotas e região, estabelecendo trocas artísticas e culturais que enriquecem o diálogo entre a comunidade rural e a universidade. Partindo da compreensão da educação como prática libertadora, onde o sujeito participa do seu processo formativo, a partir da reflexão crítica sobre a sua realidade e condição sociopolítica (FREIRE, 1967), surgiu a possibilidade de participar da 7º edição da Marcha das Margaridas, maior organização de base feminista de mulheres rurais do país (GUIMARÃES, 2017, p. 231; QUIRINO, 2017, p. 231).

“Medo nós tem, mas não usa”, assim pensava Margarida Maria Alves, nascida no dia 5 de agosto de 1933 na zona rural de Alagoa Grande/PB. Entre tantos sonhos, feitos e histórias, foi a primeira mulher líder sindicalista do país, atuou e lutou para que as mulheres do campo tivessem acesso aos mesmos direitos que os homens. Defensora dos direitos humanos, Margarida lutava pelo direito à terra e ao cultivo, educação para os filhos das trabalhadoras, além de contratação com carteira assinada e demais direitos trabalhistas (CONTAG, 2023). Infelizmente, ao passo que a luta avançava, as ameaças e intimidações à sindicalista também aumentavam. No dia 12 de agosto de 1983, aos 50 anos, Margarida foi brutalmente assassinada a mando de fazendeiros locais. Esse silenciamento, que é sistemático contra as defensoras dos direitos humanos, ainda segue sem ser resolvido (CONTAG, 2023).

Mas como Margarida é semente, a partir dos anos 2000, a cada 4 anos, milhares de mulheres do campo, das águas e das florestas, se organizam, conspiram e marchando lotam as avenidas da capital do país. Margaridas de todas as regiões do Brasil ocupam Brasília e ecoam o que Margarida Alves dizia: “Da luta eu não fujo!”. Para a CONTAG (2023) “Seu caráter formativo, de denúncia e pressão, e de proposição, diálogo e negociação política como Estado, tornou-se amplamente reconhecida como a maior e mais efetiva ação das mulheres no Brasil”.

2. METODOLOGIA

A participação na 7º Marcha das Margaridas 2023 está vinculada à agenda de atividades do projeto de extensão Margaridas do campo e segue orientada pelas leituras e práticas do programa de ensino, pesquisa e extensão PET Fronteiras: saberes e práticas populares. O programa, como enfatiza Bussoletti e Rodrigues (2018, p.9) “é um dos importantes espaços pedagógicos na UFPel que nos possibilita aliar a formação recebida, técnica e científica, às necessidades, aos saberes e as práticas das comunidades populares envolvidas”. Ao oportunizar o contato com os saberes e práticas tradicionais, a formação dos estudantes torna-se mais ampla e diversa. Essa troca também estimula o pensamento crítico, formando assim sujeitos mais comprometidos e conscientes de seu papel político e cidadão.

Desta forma, partindo da compreensão que o conhecimento se dá pela experimentação, mais do que estudar sobre os movimentos de mulheres, suas lutas e conquistas, metodologicamente o PET proporciona a inserção e vivência nesses espaços de tensões e movimentações. Tão logo justifica-se o relato de experiência como uma tentativa de expor parte deste processo formativo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No mês que marca 40 anos do assassinato da líder sindicalista Margarida Maria Alves, aconteceu em Brasília a 7º edição da Marcha das Margaridas, ação que convida milhares de mulheres camponesas, pescadoras, extrativistas, quebradeiras de coco, catadoras de mangaba, entre outras, a marchar “Pela reconstrução do Brasil e pelo Bem-viver”, lema da marcha deste ano (CONTAG, 2023). A mobilização é coordenada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag) e demais sindicatos filiados.

Para a organização da marcha e demais movimento sociais envolvidos na articulação das mulheres, avançar na luta pelos direitos sociais implica diretamente em reconstruir o país. É necessário reconstruir e fortalecer as políticas públicas que foram severamente atacadas nos últimos anos pelos cortes orçamentários. Esses desmontes atingiram fortemente as políticas de saúde, educação, segurança pública e assistência social. Conforme o relatório do Instituto de Estudos Socioeconômicos – INESC (2023, p. 3) “a redução dos gastos para a sua realização também incrementa cenários de violência doméstica e outras violências de gênero, à medida que a vulnerabilidade cresce, com a ausência ou precariedade dos serviços e benefícios sociais”. Nesse sentido, a falta de assistência e precariedade nos serviços acarretaram grandes impactos na vida das mulheres, principalmente das pobres e negras (INESC, 2023).

Desta forma, como meio de construir uma sociedade mais justa, as Margaridas apontam o Bem Viver como caminho. Esse conceito diz respeito as experiências de vida coletiva de alguns povos originários. Para Acosta (2016, p.29) “O Bem Viver – enquanto filosofia de vida – é um projeto libertador e tolerante, sem preconceitos nem dogmas. Um projeto que, [...] coloca-se como ponto de partida para construir democraticamente sociedades democráticas”. Assim, é possível, conforme a CONTAG (2023) “[...] estabelecer uma relação de não-exploração com a natureza; usufruir do direito de viver em suas terras e territórios; mudar os moldes de produção e consumo, e propor novas formas de produção de alimentos [...].”.

Para fomentar e ampliar as discussões, o evento foi organizado em 13 eixos políticos, com temáticas que abordavam desde a Democracia participativa e soberania popular a assuntos ligados à Autonomia e liberdade das mulheres sobre o seu corpo

e a sua sexualidade (CONTAG, 2023). Essas temáticas foram discutidas em grupos durante a tarde do primeiro dia. Após os debates, as mulheres retornaram a plenária principal para participar do Painel Temático (re)construção de políticas públicas para o bem viver: mulheres do campo, da floresta e das águas e as urgências sociais com a presença da Ministra das Mulheres, Cida Gonçalves. Para Brasil (2023) “A presença da ministra Cida Gonçalves na programação do evento foi reconhecida como um comprometimento do governo com a pauta de reivindicações das mulheres rurais”. Além da ministra, outras representantes dos ministérios estavam presentes, como Marina Silva, Sônia Guajajara e Anielle Franco. Para elas foram expostas às demandas e a pauta das Margaridas.

No outro dia, antes do sol nascer, a cidade de Brasília já estava florida. Mais de 100 mil mulheres marcharam em direção à esplanada dos ministérios buscando respostas à pauta de reivindicações da Marcha das Margaridas. Entre tantas falas, incluindo a do Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, foi anunciado a criação e instalação de um fórum nacional de políticas para as mulheres do campo, das florestas e das águas. Também como incentivo à autonomia das mulheres, houve um fortalecimento no programa de Desenvolvimento Agrário, “além da retomada da reforma agrária com facilidade para as mulheres e a criação dos quintais produtivos” como aponta Brasil (2023).

Figura 1: Margaridas e seus chapéus



Foto: Lula Marques/AGPT



4. CONCLUSÕES

Participar da Marcha das Margaridas, nesse contexto de luta, potencializa ainda mais as ações e atividade realizadas pelo projeto Margaridas do campo em conjunto com mulheres rurais de Pelotas. Aliado a isso, proporciona as estudantes conhecerem novas vivências, histórias, grupos de mulheres, movimentos sociais e, sobretudo, nos coloca a participar ativamente da construção de um país mais justo e de melhores condições de vida para todas. Dessa forma, como estudante com os pés na terra e família assentada em área de reforma agrária, participar dessa ação de mulheres rurais produz ainda mais sentido e alinha os objetivos acadêmicos com a vida que queremos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, A. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- BUSSOLETTI, D.; RODRIGUES, B. B. PET Fronteiras: uma trajetória que emerge da diversidade social e cultural, pautando os saberes e as práticas populares. RELACult – **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**. [S. I.], v. 4, 2018.
- BRASIL. Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC). Análise do Orçamento de Políticas de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres (de 2019 a 2023). Brasília, 2023.
- BRASIL. Planalto. MARCHA DAS MARGARIDAS. Brasília, 2023.
- BRASIL. Ministério das Mulheres. Gabinete da Ministra. MARCHA DAS MARGARIDAS. Brasília, 2023.
- CONTAG. Margaridas em Marcha 2023. **Marcha das Margaridas**, 2023. Disponível em: <https://www.marchadasmargaridas.org.br/?pagina=marcha2023>. Acesso em: 17 set. 2023.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- QUIRINO, R. G.; GUIMARÃES, S. M. Relações de gênero e divisão sexual do trabalho no meio rural: interlocuções com o movimento social “Marcha das Margaridas”. **Revista Brasileira de Educação do Campo**. Tocantinópolis – TO, v. 2, n. 1, p. 231 – 251, 2017.